
**NO MEIO DA PANDEMIA, A TERTULIA DE GABRIELA:
RELATOS NA CIBERCULTURA PARA VIVER A LITERATURA DE MULHERES**

**IN THE MIDDLE OF THE WAY, THERE WAS TERTULIA DE GABRIELA:
EXPERIENCIAS IN CYBERCULTURE TO LIVE WOMEN'S WRITING**

**EN MEDIO DEL CAMINO, TERTULIA DE GABRIELA:
RELATOS EN LA CIBERCULTURA PARA VIVIR LA LITERATURA DE MUJERES**

Phelipe de Lima Cerdeira¹

Camilla Xavier Duarte²

Luana Aranin Cordeiro Carrara³

Yasmin Tinoco Pereira⁴

RESUMO

O presente artigo toma os relatos de experiências (Suárez, 2021) enquanto pressuposto epistemológico para a produção e disseminação de saberes acadêmicos, promovidos por ‘praticantespensantes’ (Oliveira, 2012). Nesta leitura, nosso objetivo geral é o de valorizar como a “Tertulia de Gabriela” – atividade extensionista criada no auge da pandemia de Covid-19, em 2021 – abriu caminhos outros (Mignolo, 2003) para se valorizar a literatura não apenas enquanto direito inalienável (Candido, 2004) e espaço para literaturar (Cerdeira, 2023), mas como lugar para a criação de artefatos culturais (Certeau, 2014), estimulando que os sujeitos possam (se) ler (Dubois, 1991; Colomer, 2001) e (des)ler (Barthes, 2006). É enaltecido de que forma tais experiências refletem o potencial da cibercultura (Lévy, 1998; Ribeiro, 2015) não como lugar de tecnologias estéreis, mas de produção de sentidos e de significados, no qual as “Tertulias Dialógicas Literárias” (Palomares Ruíz; Domínguez Rodríguez, 2019) constroem novos cotidianos de afetos. Dessa forma, o literário é tomado como exercício de fissura de campos de poder (Bourdieu, 1990, 2002) e, ao mesmo tempo, como exemplo de como é possível protagonizar a desterritorialização e dessujeição dos seus participantes (Maddalena; Nolasco-Silva, 2022).

Submetido em: 24/06/2023 – **Aceito em:** 28/11/2023 – **Publicado em:** 13/12/2023

¹ Professor Adjunto de Literaturas Hispânicas na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Doutor em Letras – Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), com temporada sanduíche na Universidad Nacional de Córdoba (Argentina). Pós-doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Líder do Grupo de Pesquisa CNPq LITARC – Literatura Argentina Contemporânea e, ainda, pesquisador ativo em grupos de pesquisa no Brasil e na Argentina, concentrando a sua produção bibliográfica nas áreas de ficção histórica e ensino de literatura. Bolsista Prociência e Prodociência UERJ. E-mail: phelipecerdeira@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9097-8250>

² Bacharela em Letras Português-Espanhol pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Uma das criadoras e organizadoras da *Tertulia de Gabriela*, atividade extensionista ligada ao projeto Aleph UERJ. E-mail: camilla.duarte09@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-7492-9610>

³ Graduanda em Licenciatura em Letras Português-Espanhol pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Uma das criadoras da *Tertulia de Gabriela*. Bolsista do Projeto de Extensão *Histórias para educar*, da Faculdade de Educação da UERJ. Membro do *EduStoryLab*: Laboratório de Pesquisa em Histórias, Tecnologias e Educação na Cibercultura. E-mail: luanacordeiroc@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-3822-2091>

⁴ Graduanda em Licenciatura em Letras Português-Espanhol pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista do Projeto Prodociência UERJ *Nosotros Literaturamos: formação docente, leitura e mediação literária nas aulas de espanhol*. Uma das criadoras e organizadoras da *Tertulia de Gabriela*, atividade extensionista ligada ao projeto Aleph UERJ. E-mail: tin0c0y4smin@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-6477-4163>

PALAVRAS-CHAVE: Cibercultura. Extensão. Tertúlias Dialógicas Literárias. Escritoras.

ABSTRACT

This article takes experience reports (Suárez, 2021) as an epistemological assumption for the production and dissemination of academic knowledge, promoted by 'thinking practitioners' (Oliveira, 2012). In this reading, our general objective is to value how "Tertulia de Gabriela" – extension activity created at the height of the Covid-19 pandemic, in 2021 – opened other ways (Mignolo, 2003) to value literature not only as an inalienable right (Candido, 2004) and space for "literaturar" (Cerdeira, 2023), but as a place for the creation of cultural artifacts (Certeau, 2014), encouraging subjects to read (Dubois, 1991; Colomer, 2001) and (desired) read (Barthes, 2006). It is praised how such experiences reflect the potential of cyberculture (Lévy, 1998; Ribeiro, 2015) not as a place of sterile technologies, but of production of senses and meanings, in which the "Literary Dialogical Tertulias" (Palomares Ruíz; Domínguez Rodríguez, 2019) build new daily lives of affection. In this way, the literary is taken as an exercise in fissuring fields of power (Bourdieu, 1990, 2002) and, at the same time, as an example of how it is possible to play a leading role in the deterritorialization and de-subjection of its participants (Maddalena; Nolasco-Silva, 2022).

KEYWORDS: Cybelculture. University Extension. Literary Dialogical Tertulias. Women writers.

RESUMEN

Este artículo toma los relatos de experiencias (Suárez, 2021) como marco epistemológico para la producción y para el compartir de los saberes académicos, promovidos por los 'praticantespensantes' (Oliveira, 2021). Nuestro objetivo, en esta lectura, es valorar cómo la "Tertulia de Gabriela" – actividad de extensión universitaria creada en la pandemia de Covid-19 el año 2021 – ha generado caminos otros (Mignolo, 2003) para que la literatura pudiera ser vivida no solo como un derecho inalienable (Candido, 2004) o como espacio en el que uno pueda "literaturar" (Cerdeira, 2023), sino como ejemplo donde son creados artefactos culturales (Certeau, 2014), permitiéndoles a los sujetos que pudieran leer(se) (Dubois, 1991; Colomer, 2001) y (des)leer(se) (Barthes, 2006). Se subraya de qué manera dichas experiencias reflejan las posibilidades de la cibercultura (Lévy, 1998; Ribeiro, 2015) no como espacio de tecnologías estériles, sino de producción de sentidos y de significados, en los cuales las "Tertulias Dialógicas Literarias" (Palomares Ruíz; Domínguez Rodríguez, 2019) construyen nuevos cotidianos de afectos. De esa manera, lo literario es tomado como ejercicio de fisura de campos de poder (Bourdieu, 1990, 2002) y, a la vez, como ejemplo de que es posible protagonizar la desterritorialidad y la desubjetivación de sus participantes (Maddalena; Nolasco-Silva, 2022).

PALABRAS CLAVE: Cibercultura. Extensión. Tertulias Dialógicas Literarias. Escritoras.

ENTRE UNA PIEDRA EN EL CAMINO Y EL CIELO AZUL, NASCEU UMA IDEIA

"No meio do caminho tinha uma pedra / tinha uma pedra no meio do caminho / tinha uma pedra / no meio do caminho tinha uma pedra" (Andrade, 2015, p. 20). Tomar cada palavra-pedra não apenas como obstáculo da concretude de uma difícil realidade, mas como inspiração, que rola, desvela a rima-recordação diante de nossos cotidianos, alitera, escava e implode os obstáculos por meio da criação. Ao jogar com a imagem de alguém que topa com uma pedra no meio da rua, Carlos Drummond de Andrade nos oferece a inspiração primeira, a primeira inspiração. A partir do condicionante metaliterário plasmado ao longo dos versos, deste fazer poesia cantado pelo eu lírico de *No meio do caminho* – poema publicado inicialmente em 1928 na *Revista Antropofagia* –, avançamos diante de novas pedras-pedreiras do caminho. A realidade

extradiagética já não era aquela que antecedia o sujeito de uma modernidade impossível, do entre guerras responsável por intuir o “sentimento do mundo” e de uma futura “rosa do povo”.

Dessa forma, dizer que a pedra no meio do caminho no século XXI não é a mesma, certamente, trata-se de uma tautologia. Não apenas porque os textos são outros; mas porque a realidade que nos toca já não é a mesma: está expandida, (re)contada via metaversos, dilatada entre as fricções do real e do virtual. A pedra, a partir de março de 2020, trazia os contornos de uma pandemia⁵. E, justamente por isso, preferimos continuar na companhia de quem tinha a pedra como metáfora do seu espaço, barreira natural que liga uma ponta a outra, espinha dorsal de uma identidade acostumada a vislumbrar um céu azul: “*Sé el que aparte la estorbosa **pedra del camino**, sé el que aparte el odio entre los corazones y las dificultades en los problemas.*” (Mistral, s. n., grifos nossos).

Proveniente da reflexão *El placer de servir*, a citação anterior é o primeiro ponto de contato, aqui, com a escritora chilena Gabriela Mistral. Intelectual, professora, primeiro nome latino-americano (entre mulheres e homens) a receber o Prêmio Nobel de Literatura em 1945, Mistral foi tomada como símbolo de resistência diante da letargia que nos foi imposta pelas restrições sanitárias extremas e que proibiram atividades acadêmicas presenciais. O medo e desconhecimento de uma doença altamente contagiosa fizeram-se primeiro enquanto cordilheira, mas, ao mesmo tempo, despertaram a convicção de que nossas relações e práticas culturais (Certeau, 2014) poderiam ser estabelecidas e construídas de maneira ativa, pujante, exemplificando cotidianos que demandam, necessariamente, a agência de todos os envolvidos.

Enquanto a educação se adequava a um ambiente virtual de aprendizagem possível e a plataformas de transmissão abertas ao uso gratuito⁶ – em muitos casos, nas instâncias públicas, a partir de vivências, docentes e discentes, que Tateavam como era estar por de trás das telas de computadores, *tablets* e *smartphones* pela primeira vez –, o pilar específico da extensão acabou ganhando evidência para a sua justa dimensão, sinalizando a efetiva contribuição que as universidades têm não apenas para a formação dos saberes, mas também para a escuta e relação com as comunidades que as formam. O friso especial dado ao horizonte extensionista, aqui, é fundamental e deve ser esclarecido logo nesta introdução. Isso porque a criação da atividade de extensão *Tertulia de Gabriela* se deu justamente neste marco da universidade.

⁵ A pandemia de Covid-19 foi oficialmente declarada pelo então diretor da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Adhanom Ghebreyesus, em 11 de março de 2020. A emergência sanitária revogou-se somente depois de mais de três anos, em 05 de maio de 2023.

⁶ No caso pontual da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), a escolha institucionalizada e indicada pelo Instituto de Letras foi a plataforma *Webconferência RNP*, serviço em nuvem que congrega áudio e vídeo para o desenvolvimento de salas virtuais e que tem acesso livre estimulado pela participação de programadores brasileiros e incentivo do Governo Federal.

O ambiente de incerteza em relação à própria continuidade da vida e, ainda, o cenário de um dado obscurantismo estatal, responsável por querer petrificar a ciência e silenciar nossas memórias, nossas histórias e narrativas, assinalavam a grande tarefa que cabia às artes, à literatura. Tal como no pilar da educação, percebíamos, assim, um chamado para que nos enxergássemos não enquanto polos diferentes (docentes e discentes), mas como um duo que se retroalimenta, cria vias outras para se (d)escrever, valorizando os saberes e os fazeres não como núcleos distintos, mas como forças conjuntas e que não se separam. Dito de outra forma, “Ao fazerem a sala de aula caber nas telas, nas salas de casa, na movimentação dos cotidianos plurais, os professores teceram histórias dentro da história do tempo presente, costurando currículos com tecnologias cujos usos repousam nas singularidades das artes de fazer dos ‘*docentesdiscentes*’.” (Maddalena; Nolasco-Silva, 2022, p. 02).

Ao aludirmos à citação anterior, fica perceptível como toda a nossa argumentação passará a ser inserida também na esfera dos estudos dos cotidianos. Mais do que nos ajudarem a tomar todas as nossas produções como o resultado do entrecruzamento de questões éticas, políticas, sociais, econômicas etc., a filiação também endossa a convicção de que as tecnologias transcendem aos equipamentos, já que estão diretamente ligadas aos fazeres e aos processos, exigindo, necessariamente, relação entre os usuários em todos os seus “artefatos culturais” (Certeau, 2014). Na pandemia, a Internet e, como conseguinte, os elementos que lhe estão circunscritos, assumiram a condição de espaço para a construção de práticas educativas, permitindo “[...] também, a troca, a interatividade e o compartilhamento entre pessoas fisicamente distantes, oportunizando a emergência de um universo narrativo muito potente, capaz de impulsionar práticas formativas.” (Maddalena; Nolasco-Silva, 2022, p. 03).

Esclarecido o nosso primeiro pressuposto, podemos nos dedicar ao ponto nodal que nos fez sermos apresentadas e apresentados, em diferentes circunstâncias, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro: o prazer pelo texto literário (Barthes, 2006) e, sobretudo, a convicção de que este seria também responsável por dinamitarmos a clássica sensação de predestinação de Sísifo para protagonizarmos o fazer pedra-poesia plasmado na oitava estrofe da seção *Cordillera*⁷, parte do poema *Dos Himnos*:

*¡Carne de piedra de la América,
halalí de piedras rodadas,
sueño de piedra que soñamos,
piedras del mundo pastoreadas;
enderezarse de las piedras
para juntarse con sus almas!*

⁷ O poema *Dos Himnos* está composto por duas partes, intituladas *Sol de Trópico* e *Cordillera*, respectivamente. O texto compõe a obra *Tala*, publicada em 1938.

*¡En el cerco del valle de Elqui,
bajo la luna de fantasma,
no sabemos si somos hombres
o somos peñas aprobadas!* (Mistral, 2021, p. 156).

Pensar a experiência literária para além dos claustros das disciplinas oficiais de um curso de Letras, valorizando que esta é um direito inalienável (Candido, 2004) era, portanto, necessário. A convicção inicial proveio de quatro jovens mulheres⁸ que buscavam outras vozes para dialogar, reencontrar o desejo por exercer o direito à literatura e à fruição literária para além da burocratização das grades dos currículos estabelecidos na formação acadêmica. Em tempos pandêmicos e no horizonte da cibercultura (Lévy, 1998; Ribeiro, 2015), tal preceito, na verdade, se transformou em possibilidade para fissurar fronteiras e demonstrar a viabilidade de que todos poderiam assumir a nossa instância enquanto *'praticantespensantes'* (Oliveira, 2012). Além disso, a partir da organização de um grupo voltado à leitura e à discussão, seria possível assinalar como contar e falar de histórias (ficcionais e pessoais) se fazia enquanto faceta para a produção de sentidos e de significados na cibercultura⁹.

RELATOS DE EXPERIÊNCIAS BAJO EL SOL DE LA POESÍA: UMA ESTRATÉGIA PARA LEVAR A LITERATURA AO CONTEXTO DA CIBERCULTURA

Para quem nos lê fica a evidente escolha pela marcação dêitica por uma voz em primeira pessoa e no plural. Não se trata, pois, de uma mera correspondência estilística, mas, sim, de mais um exemplo de como a cibercultura permitiu que três discentes e um docente pudessem trabalhar continuamente unidos pela tarefa comum de narrar, viabilizando novos *'espaçostempos'* a partir da escrita coletiva, contínua e na rede. Da mesma forma, este *nós* joga literalmente com a ambiguidade do significante na língua portuguesa, revelando-se não apenas enquanto primeira pessoa do plural, mas como os nós desatados, as pedras nos caminhos que removemos conjuntamente para viver a literatura.

Neste artigo, o nós sinaliza a proposta epistemológica de entender os relatos de experiências enquanto formação de saberes, afastando-nos de certa maneira majoritária de enunciar na academia e pesquisar nas Humanidades, já que a convicção da *Tertulia de Gabriela*, no

⁸ É importante salientar que a ideia da *Tertulia de Gabriela* nasce a partir da organização de quatro discentes que, em 2019, cursavam regularmente a carreira de Letras Português-Espanhol na UERJ. As investigadoras aludidas eram: Camilla Xavier Duarte, Fernanda Souza dos Santos, Luana Aranin Cordeiro Carrara e Yasmin Tinoco Pereira.

⁹ Relembramos que, para Pierre Lévy (1998), a cibercultura se constitui enquanto espaço com um fluxo de ideias contínuo, congregando técnicas materiais e intelectuais para conectar as pessoas e demonstrar como as tecnologias não se podem ser percebidas como algo a parte das culturas das quais são formadas.

ambiente da cibercultura, é a de se fazer enquanto exemplo pragmático e programático de uma descolonização do pensamento (Quijano, 2014). Utilizamos os relatos de experiências, portanto, como práxis de pesquisa, ponderando sobre a consciência de que esses movimentos acabaram por promover contribuições para a organização dos *'fazersentir'* da universidade, viabilizando maneiras para dar voz aos silenciamentos e apagamentos. Tal como elaborado pelo pesquisador argentino Daniel Suárez, os relatos de experiências permitem “[...] *indagar interpretativamente a la práctica docente y el mundo cotidiano de la escuela*” (Suárez, 2021, p. 366), comprometendo “[...] *nuestra participación singular, única, en una experiencia que siempre es colectiva y que nos trasciende*”, além do fato de que oferecem “[...] *una lente muy sensible para percibir cómo las identidades profesionales se construyen en la singularidad de las trayectorias biográficas, pero en marco del complejo de influencias que delimitan y prefiguran su sentido*” (Suárez, 2021, p. 369).

Como assinalado anteriormente, a *Tertulia de Gabriela* se fundou enquanto proposta extensionista no âmbito da cibercultura, fortalecendo o quanto tal horizonte se faz também enquanto espaço de práticas educativas e da produção de novos artefatos culturais (Certeau, 2014). Aclaramos, ainda, que dita atividade de extensão, desde o seu nascimento, esteve circunscrita ao que as pesquisas intitulam como “Tertulias Dialógicas Literarias” (TDL), fomentando a possibilidade de que os participantes fossem e sejam protagonistas, assumindo a sua agência, ampliando o quanto cada leitor constrói significados a partir do que lê (Dubois, 1991; Colomer, 2001) e como se deslê (Barthes, 2006). Tal como será observado ao longo do desenvolvimento das próximas seções, nos encontros das edições de 2021 e 2022, a seleção de textos e de escritoras no contexto latino-americano também garantiu a ruptura de um dado campo de poder (Bourdieu, 1990, 2002), sublinhando o escamoteamento realizado por historiografias canônicas e, ao mesmo tempo, descolonizando os saberes (Mignolo, 2003; Quijano, 2014) para estimular a dessubjetivações dos sujeitos (Maddalena; Nolasco-Silva, 2022).

Por hora, esclarecemos que o conceito de “Tertulias Dialógicas Digitales” foi inicialmente desenvolvido nos cenários leitores de países hispano-falantes, com destaque para projetos alocados em países como a Argentina e a Espanha. A busca não estava pautada para a fruição literária, mas, sim, para a criação de espaços na cibercultura capazes de estimular o desenvolvimento da competência linguística dos *'praticantespensantes'*, “[...] *ya que aprenden juntos leyendo e interpretando un libro de la literatura clásica universal en la que suelen participar familiares que aportan nuevas perspectivas al aula*” (Palomares Ruíz; Domínguez Rodríguez, 2019, s. n.). No caso específico de *Tertulia de Gabriela*, há uma expansão para o preceito evocado no marco de “Tertulias Dialógicas Digitales”, uma vez que, embora o castelhano como língua adicional seja um pressuposto para a interação entre todos, este nunca foi e não é o centro do nosso interesse. O desafio é o de fazer, em cada um dos encontros, que

a experiência literária se faça enquanto “*lectura plena*” (Castillo, 2020, p. 21). Dito de outra maneira,

Tão importante como a leitura de um determinado texto literário são as perguntas que construímos a partir dela, garantindo que a literatura se faça, borgeaneamente falando, como um labirinto de entradas múltiplas. Fissurar o que está posto como opção única de interpretação será uma estratégia para também atribuir sentidos ao silêncio. Toda essa dinâmica prevê a criação de uma quebra de zona de conforto que pode, muitas vezes, ter sido até então provada pelos alunos, ratificando a ação de que todos *nosotros* podemos – e devemos – *literaturar*. (Cerdeira, 2023, p. 89).

Ainda que aludindo ao contexto de formação para o ensino de literatura, Cerdeira nos permite vislumbrar o contexto dos ‘*praticantespensantes*’ da nossa *Tertulia de Gabriela*, em geral acostumados a assumir a posição estática e passiva de ouvir especialistas sobre a leitura de um determinado texto. Na cibercultura que engendra a *Tertulia*, passou a ser estimulado que todos pudessem falar, ouvir os ruídos e também os silêncios que tanto inspiraram o remover das pedras nos caminhos outros trilhados pelos eu líricos de Mistral. A seguir, discutiremos sobre tal questão.

LO QUÉ NOS ENSEÑA LA INSPIRACIÓN DE LA MAESTRA RURAL: CAMINHOS OUTROS PARA VIVER A LITERATURA ATRÁS DAS TELAS

Para começarmos a falar sobre mediação literária, e, por conseguinte, sobre as nossas inspirações e os caminhos que percorremos em *Tertulia de Gabriela*, seria elucidativo voltar no tempo, nesse momento que remete a um único e grande desejo. E, para tanto, seria necessário então contar uma história, porque de histórias é que são feitas as nossas trajetórias. Porque, quando pensamos nos motivos para escolher esse curso que alguns consideram escolha de nulo prestígio e nada compensatória em termos financeiros, só pensávamos na possibilidade de que nunca precisássemos deixar de sermos as leitoras e leitores ávidos que considerávamos ser, porque nós desejávamos ler, e que esta vivência perpassasse toda a nossa vida acadêmica e nossa profissão no futuro.

Em nossa trajetória no curso de letras na UERJ, no entanto, até chegarmos a *Tertulia de Gabriela*, nos deparamos com aquelas gigantes pedras que nos mostraram o quanto as adversidades podem ser compensatórias e representar um caminho de aprendizado e conhecimento. Um professor e amigo muito querido – e que escreve este artigo junto conosco – muitas vezes ou talvez sempre nos indaga para nos fazer refletir, dizendo: “*Pero la vida es fácil?*”. E sempre é necessário lhe responder com um ineludível “*no, no lo es*”. Veja, pois se a vida não é fácil, por que realizar desejos haveria também de sê-lo? Lutar pelo nosso direito a viver a literatura, como o defende Antonio Candido, nunca foi tão difícil dentro da

universidade, mas nos ensinou sobre a nocividade do silêncio, e do quão mais poderosas podem ser as palavras ditas, as conversas, e do que podem os anseios coletivos quando se encontram, e ganham corpo e se abraçam, e passam do sonho à concretude. Como nos versos de *Dame la mano*, poema da professora rural que nos inspira, e que compõem uma canção de roda para crianças:

*Dame la mano y danzaremos;
dame la mano y me amarás.
Como una sola flor seremos,
como una flor, y nada más...*

*El mismo verso cantaremos,
al mismo paso bailará.
Como una espiga ondularemos,
como una espiga, y nada más.
[...] (Mistral, s. n.)*

Foi assim que a *Tertulia de Gabriela* se concretizou. E não somente do nosso desejo de ler literatura, mas também do desejo de estar com e de falar aos outros. Como anunciado nas seções anteriores deste artigo, foi na pandemia, e diante do isolamento social, quando percebemos o quanto sempre estivemos sozinhas/os em nossos anseios, e do quanto se fazia necessário engendrar brechas para que pudéssemos fazer as nossas escolhas, ou seja, assumir a responsabilidade pelas nossas carências e escolher como, quando e o que desejávamos ler. Não ler por obrigação, ou somente por alguma necessidade acadêmica ou objetivo pedagógico (Pennac, 1996).

Por outro lado, desejávamos também compartilhar as nossas experiências leitoras para poder transformá-las de vivência individual, descuidada e solitária em uma vivência coletiva, constante e sanadora. E quando nos referimos aqui a estar com e falar aos outros, estamos falando de uma atividade muito mais complexa, haja vista que comunitária. Falar aos outros implica necessariamente um ouvinte, “*y la participación de otros altera de alguna manera nuestro entendimiento de lo que estamos diciendo y nos hace pensar en ello más profundamente*” (Chambers, 2007, p.30). Foi por meio dos nossos encontros virtuais e das discussões e conversas que tivemos sobre as obras das autoras escolhidas e lidas que vivenciamos a escuta, tanto através da nossa fala como da fala das/os demais tertulianas/os, e tudo isto, em meio a um contexto pandêmico onde as carências e o desejo de se sentir tocado e abraçado não poderiam ser maiores. Como nas palavras da argentina María Teresa Andruetto, “[a]sí se abrazan quien habla y quien escucha [...]” (Andruetto, 2013, p. 19).

Diferentemente das dinâmicas que ocorrem sobretudo dentro da sala de aula, na *Tertulia de Gabriela*, privilegiamos estratégias e metodologias dialógicas, fundamentadas na premissa de que a interação e o diálogo são ferramentas essenciais na construção de novos sentidos. Nas

palavras de Chambers, “*el sentido de una historia para ese grupo de lectores surge de la conversación; no se establece en el inicio y luego se discute, como ocurre por lo general en una conversación académica formal sobre un libro*” (Chambers, 2007, p. 22). Através da mediação literária e do compartilhamento de nossas experiências leitoras – e de uma relação, que foi se fazendo necessária a cada encontro e na medida em que avançava o nosso aprendizado como mediadoras/os, que fosse estabelecida de maneira fluida, igualitária e desierarquizada – erigimos coletivamente, por trás das telas, um espaço destinado ao encontro, aos afetos e à escuta, no qual oportunizamos a validação destas vozes/sujeitos que tradicionalmente não são escutadas. Ou seja, um lugar exclusivo para a leitora e o para o leitor.

Em seu livro *La literatura como explotación* (2002), a estadunidense Louise Rosenblatt nos coloca diante de uma interrogação que comparece, muito provavelmente, na memória de muita/os de nós e que acessamos em algum lugar na nossa juventude, a saber, afinal qual o significado do que aprendemos na escola e na universidade para as nossas vidas ou para o que vamos viver no futuro? Pergunta que a autora direciona especialmente aos professores de literatura para indagar sobre o potencial do ensino desta matéria em nossas escolas diante do seu valor e natureza especial (Rosenblatt, 2002). A literatura nos coloca, portanto, diante deste significado, uma cordilheira que nos leva a buscar o porquê, quando, como e quem somos. É por meio do olhar de outrem e dessa experiência leitora que a literatura nos torna seres pensantes/desejantes, capazes de questionar e problematizar o que vivemos e a que nos encontremos diante das pedras no meio do caminho, com as mãos dadas, e de maneira nenhuma imóveis ou fragilizados:

Frente a ello, dice, la literatura nos propone, en el transcurso de la lectura, riesgos, luchas y, sobre todo, nos enfrenta a nuestras carencias. No nos ofrece soluciones, más bien diríamos que nos plantea preguntas, porque problematizar lo que ha sido en nosotros naturalizado es una de las funciones fundamentales del arte. Cuestionar lo aceptado, recibir nuestras sombras, los riesgos de la vida que vivimos y de la sociedad en la que transitamos. (Andruetto, 2014, p. 83).

Em outras palavras, “[l]os lectores vamos a la ficción para intentar comprendernos, para conocer algo más acerca de nuestras contradicciones, miserias y grandezas, es decir acerca de lo más profundamente humano” (Andruetto, 2013, p. 32). A literatura, assim como as tecnologias que possibilitaram esse encontro, nos levaram a que compartilhássemos as nossas memórias mais íntimas, também angústias e alegrias, inclusive sentimentos que descobrimos não tão particulares e que se revelaram comuns entre todas e todos, por um lado pelo fato de que a maioria das/os tertulianas/nos éramos mulheres, por outro, por estarmos vivendo sob o jugo de uma pandemia, ou simplesmente, pelo elemento humano. Parafraseando Drummond,

nunca nos esqueceremos desse acontecimento, e dos próximos que virão, na vida de nossas retinas tão enternecidas.

LA OTRA: A INSPIRAÇÃO DE UM EU POÉTICO PARA PROMOVER AUTORAS LATINO-AMERICANAS FORA DO CÂNONE

A convicção de criar e levar a cabo a *Tertulia de Gabriela* nos pareceu uma feliz oportunidade de fissurar a estrutura educacional instituída, sob diversas perspectivas. O filósofo colombiano Santiago Castro-Gómez (2007) cita que a universidade “*es concebida como una institución que establece las fronteras entre el conocimiento útil y el inútil, entre la doxa y la episteme, entre el conocimiento legítimo (es decir, el que goza de ‘validez científica’) y el conocimiento ilegítimo.*” Sendo assim, um projeto criado no âmbito da extensão universitária, cuja finalidade é justamente disponibilizar e divulgar à população externa o que está sendo produzido no ambiente acadêmico, foi uma brecha para tornar o conhecimento mais democrático, passando pela percepção que tínhamos, enquanto alunas do setor de Espanhol do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, sobre a distância entre tudo aquilo que poderíamos estudar durante a formação de nível superior e o que de fato é estudado.

Infelizmente, parte da academia ainda reflete a estrutura patriarcal da nossa sociedade dentro das salas de aula, isto é, não são contemplados de igual maneira os estudos de obras de homens e mulheres. Essa diferenciação parece estar muito solidificada, sobretudo no ensino de graduação, em que não existe muito espaço para inovar nas obras lidas, nem nos referenciais teóricos e críticos. O cânone literário é majoritariamente formado de homens, brancos, representantes das elites econômicas e ligados às nossas origens europeias. Nos casos (pouco frequentes) de autores que fogem dessa receita, estão aqueles bastante transgressores para a sua época, ou aqueles que inovaram muito dentro da literatura, como Julio Cortázar ou Vicente Huidobro, por exemplo.

Portanto, era um ponto fundamental para nós, enquanto mulheres e estudantes e, ainda, a partir da participação de um professor-investigador que tem como lugar de enunciação os estudos decoloniais, de alguma maneira, fazer interferências nesse paradigma e viabilizar uma oferta de leitura alternativa, já que estamos cientes de que

El acceso a los juicios de gusto que se acostumbra a llamar "personales" es también un efecto de la instrucción recibida: la libertad de emanciparse de las imposiciones escolares no pertenece sino a aquellos que han asimilado suficientemente la cultura escolar para interiorizar la actitud liberada de la cultura escolar que enseña una escuela tan profundamente penetrada de los

valores de las clases dominantes que retoma por su cuenta la desvalorización mundana de las prácticas escolares. (Bourdieu, 2002, p. 84).

Procuramos dar alguns direcionamentos principais para a proposta, de modo que esse objetivo fosse alcançado. Assim sendo, o primeiro e mais importante alicerce da *Tertulia de Gabriela* foi a escolha de ler, inicialmente, apenas autoras latino-americanas. Dentro da UERJ, sempre foi observada a baixíssima presença de nomes de mulheres dentro dos estudos literários. Esse déficit representativo foi uma questão primordial para que pudéssemos pensar que tipo de leitura iríamos propor, pois a intenção era que os *'participantespensantes'* – prevíamos um público-alvo predominantemente feminino – conseguissem criar uma identificação com as temáticas, não só para refletir sobre elas, mas também para desfrutar melhor do prazer de ler.

Outra inquietação que nos provocou foi o sentimento de que existe uma tendência em apresentar a América Latina ou como um espaço subalternizado, já que foi produto de um processo de colonialidade, ou como espaço idealizado, no qual a invasão e a miscigenação geraram apenas efeitos positivos. No espaço da cibercultura da *Tertulia de Gabriela*, buscamos opções que pudessem ajudar no processo de dessubjetivação do sujeito, “[...] ampliando os modos de habitar o mundo, na direção de uma rede de anti-disciplina” (Maddalena; Nolasco-Silva, 2022, p. 04). Por isso, nosso segundo alicerce foi o desejo de dar voz e visibilidade também a mulheres nascidas fora do eixo Brasil-Argentina-México, países que já ocupam um lugar de poder econômico e cultural consolidado. O diferencial viria de apresentar classes, origens e cores diversas, mostrando a capacidade criativa dos latino-americanos e a possibilidade de uma escrita sobre questões muito presentes nos países ditos de terceiro mundo, como a pobreza, a precarização dos serviços, a falta de acesso à educação, o racismo, entre outras. De acordo com o ensaísta Silviano Santiago, “o escritor latino-americano nos ensina que é preciso liberar a imagem de uma América Latina sorridente e feliz, o carnaval e a *fiesta*, colônia de férias para turismo cultural” (Santiago, 2019, p. 26). Ou seja, romper com o idealismo que ainda constitui o estereótipo latino-americano para o mundo.

Segundo o levantamento abaixo, apresentado por meio das TABELAS 1 e 2, do total de 25 autoras que lemos nas duas edições já realizadas do projeto, 84% fazem parte dessa escrita “periférica”, que se desloca do campo intelectual dominante: considerando aqui, individualmente, cada uma das “14 mujeres mapuches”, figuraram 21 escritoras oriundas de países de menor projeção na América Latina. Além disso, tivemos 15 mulheres indígenas, representantes dos povos originários das regiões conhecidas como Chile e Bolívia, na geografia atual, e uma mulher preta, representante da literatura caribenha e de um país insular, conforme é possível constatar:

Tabela 1. Tertulia de Gabriela – 1ª Edição (2021)

Autora(s)	País de Origem
Gabriela Mistral	Chile
María Fernanda Ampuero	Equador
Teresa Cárdenas	Cuba
Emma Reyes	Colômbia
Jacinta Escudos	El Salvador
Cecília Meireles	Brasil

Fonte: Os autores (2023)

Tabela 2. Tertulia de Gabriela – 2ª Edição (2022)

Autora(s)	País de Origem
Agustina Guerrero	Argentina
Domitila Barrios de Chungara	Bolívia
Rosario Castellanos	México
Margarita García Robayo	Bolívia
14 mujeres mapuches ¹⁰ (Obra colectiva)	Chile
Lygia Fagundes Telles	Brasil

Fonte: Os autores (2023)

Apoiamo-nos também no desejo de reconhecer nossa identidade enquanto brasileiros e latino-americanos. É comum, ao pensar em América Latina, o Brasil não ser abarcado pelo imaginário, apesar de falarmos línguas-irmãs e tendo em vista que “*La unidad de América*

¹⁰ As autoras da obra coletiva *Hilando en la memoria* são, nominalmente: Alejandra Llanquichun, Eliana Pulquillanca, Jacqueline Caniguan, Jeanette del Carmen Huequeman, Juana Miriam Lancapichun, Karla Guaquin, María Elisa Huinao, María Huenúñir, Adriana Paredes Pinda, Faumelisa Manquepillan, Graciela Huinao, María Isabel Lara Millapan, María Teresa Panchillo e Roxana Miranda Rupailaf.

Latina ha sido y sigue siendo un proyecto del equipo intelectual propio [...] Está fundada en persuasivas razones y cuenta a su favor con reales y poderosas fuerzas unificadoras” (Rama, 2008, p. 66). Nosso intuito era também o de romper com a ideia/o sentimento de “não-pertencimento” e, assim, “*En el proceso de levantar la cabeza y de asumir nuestra ignorancia sobre el mundo del otro o de la otra, comenzamos a mirarnos en el acto de mirar a otras personas.*” (Rivera Cusicanqui, 2015, p. 296, grifos da autora).

Finalmente, como último direcionador principal da nossa atividade extensionista, quisemos proporcionar o contato com uma literatura contemporânea, que escapasse dos livros canonizados, dos clássicos. Com exceção da nossa homenageada, Gabriela Mistral, todos os nomes lidos são de mulheres nascidas a partir do século XX. Algumas obras não foram publicadas no Brasil; para as que foram, demos preferência a editoras que escapassem dos domínios dos grandes conglomerados editoriais, cujo trabalho de curadoria era mais similar ao nosso: concentrado em buscar escritoras desconhecidas para torná-las viáveis ao público e em disseminar as culturas latino-americanas.

DA CIBERCULTURA PARA A POESIA DA VIDA: TERTULIA DE GABRIELA PELAS REDES

Para que a *Tertulia de Gabriela* se constituísse integralmente no horizonte da cibercultura, foi necessário criar um canal para a transmissão de informações, tais como data e horário dos encontros, curiosidades, leitura do mês etc. Pensamos em oportunidades que trouxessem uma espécie de *calentamiento*, ou seja, uma troca de experiências durante o mês inteiro entre os organizadores do projeto com os/as tertulianos/as. As redes sociais foram cruciais para que tivéssemos êxito na tarefa de aproximação com o nosso público.

O projeto conta com perfis no *Instagram*, *Spotify* e *Facebook*¹¹. Até o presente momento de escrita deste artigo, há 64 postagens no *Instagram*, sendo divididas entre: i) apresentações das autoras (parece-nos fundamental que os/as tertulianos saibam alguns dados sobre as autoras, como nacionalidade, influências, se tiveram algum destaque na história da literatura, principalmente porque, em sua maioria, são escritoras que, infelizmente, não fazem parte do imaginário popular); ii) fragmentos das obras lidas (para instigar àqueles que se sintam à vontade de comentar sobre o trecho escolhido e/ou apresentar outro fragmento); iii) artes relacionadas ao tema do mês e registros dos encontros feitos através da captura de tela. Para

¹¹ As contas da Tertulia da Gabriela nas redes aludidas são, respectivamente, @tertuliadegabriela; <https://open.spotify.com/playlist/6p7Nf4B18QRhmlHovsdPTz?si=yqYQYd-UQ4-vm7IHhOKnWg>; e <https://www.facebook.com/people/Tertulia-De-Gabriela/100068707451400/>

fins de visualização e cotejo com o que foi relatado, apresentamos, a seguir, algumas capturas de telas das páginas no *Instagram*:



Figura 1. Tertulia de Gabriela – *Instagram*
Fonte: Os autores (2023)

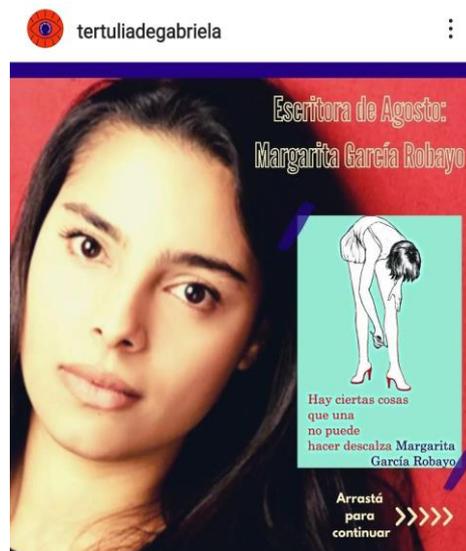


Figura 2. Tertulia de Gabriela – García Robayo
Fonte: Os autores (2023)



Figura 3. Tertulia de Gabriela – Teresa Cárdenas
Fonte: Os autores (2023)

Em cada uma das postagens, diferentes interações permitiam que os assuntos tratados nos encontros síncronos ganhassem outros contornos e possibilidades, sublinhando sobre o quanto não escrevemos ‘sobre’, mas ‘com’ os praticantes culturais (Certeau, 2014). Já no *Facebook*, escolhemos a opção de replicar o que foi publicado na página do *Instagram*. Outra maneira de nos conectarmos foi utilizando a plataforma de músicas online *Spotify*, que nos possibilitou incluir em uma *playlist* músicas de cantoras e bandas com vocalistas mulheres, tal como pode ser observado a partir da FIGURA 4:



Figura 4. Tertulia de Gabriela – *Spotify*
Fonte: Os autores (2023)

A cada edição, a *Tertulia* cria uma identidade visual, pois é a maneira de apresentar novas experiências a quem nos acompanha e a quem chegará; é virar a página da edição anterior e construir histórias e memórias baseadas nos livros e autoras que figurarão no ano seguinte, uma vez que “[...] no ciberespaço e no que dele transborda, são histórias tecnologicamente mediadas que nos inserem em um mundo que é, ao mesmo tempo, palpável e virtual, vivido e imaginado, conhecido e fabulado.” (Maddalena; Nolasco-Silva, 2022). E o que queremos transbordar é justamente a mudança, a impermanência da vida na literatura, mediada pelas redes sociais. Em 2022, trouxemos o subtítulo *Cada lectura se vuelve emoción* (Cada leitura se torna emoção), algo que formou parte das imagens e textos, nas postagens no *Instagram* e que marcou a segunda edição do projeto, realizada em 2022.

À medida que os encontros aconteciam, as pessoas sentiam-se mais à vontade para falar sobre suas impressões de leitura, alusões a outros textos, artes visuais e, muitas vezes, episódios de suas vidas. Tal processo refletiu-se nos comentários das postagens, nas mensagens via e-mail e, claro, nos nossos encontros virtuais. Uma tela grande subdividida em várias telinhas, sem nenhuma oportunidade de abraço ou afago, tornou-se, mesmo assim, um espaço de acolhimento, salientando a convicção de que as tecnologias pressupõem a relação entre os usuários. Como já sacrementado, na cibercultura,

[...] com as facilidades técnicas de imersão e simulação do real, fica cada vez mais difícil dissociar o humano do maquínico, isto é, das próteses que aplicamos aos corpos para expandir nossa memória, nossa percepção, nossos modos de orientar os deslocamentos pelo mundo, nossas formas de associação com o outro, de experimentação dos prazeres e dos afetos etc. (Maddalena; Nolasco-Silva, 2022).

Depois de muitas leituras imagéticas, literárias, pessoais e coletivas, ao encerramento de cada temporada, criamos uma nuvem de palavras com o intuito de saber o que as/os tertulianas pensam e sentem quando se trata desse elo criado através da literatura latino-americana escrita por mulheres (vide FIGURA 5).





Figura 5. Tertulia de Gabriela – Interações

Fonte: Os autores (2023)

Para efeito comparativo do que representa esse evento de extensão nas duas primeiras edições, recebemos algumas palavras como: diálogo, generosidade, caminho, sororidade, resistência, amizade, comunhão e decolonidade. Dentre as 25 palavras, duas se repetiram em ambas as edições: **descoberta** e **reflexão**.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES: OU A PEDRA-INSPIRAÇÃO PARA SEGUIR

Ao longo deste artigo, convidamos você, leitor e leitora, a não apenas nos acompanhar em nossos relatos de experiências a respeito da criação e da continuidade da atividade de extensão universitária *Tertulia de Gabriela*. A afirmação de transcender ao movimento passivo de “nos acompanhar” deve-se ao fato de tomarmos cada interlocutor como um agente presente da cibercultura, um(a) leitor(a) ativo, já que, muito provavelmente, à medida que éramos lidos no processo de leitura, fomos também (des)lidos segundo vivências particulares, pedras que estavam – ou que seguem – no caminho. Não nos estranharia, portanto, que essa leitura tenha sido feita de modo hipermodal, a partir de pesquisas secundárias sobre nossos preceitos

epistemológicos ou sobre as potencialidades de tertúlias literárias digitais, em meio às telas ou às páginas que foram impressas.

Como narrado, nas edições de 2021 e 2022, buscamos transformar a instância da extensão, bem no epicentro da pandemia de Covid-19, em um espaço para a produção de novos artefatos culturais (Certeau, 2014), estimulando que os *'praticantespensantes'* pudessem fruir o texto literário, (des)ler(se) e criar sentidos e significados em meio a uma tertúlia dialógica digital. Em sua terceira edição prevista para acontecer entre agosto e novembro de 2023, caminhos outros seguirão sendo trilhados, sempre na expectativa de desterritorializar os campos literários de poder e, por conseguinte, dessubjetivizar os envolvidos. Afinal, novas pedras nos oportunizarão criar a **Cordilheira** sonhada, pronta para contar, escutar, produzir e testemunhar novas histórias. Em companhia do eu lírico do poema *Ixtlazihuatl*, lhe(s) esperamos em nossa *Tertulia*: “*Y yo te llevo cual tu criatura, / te llevo aquí en mi corazón tajeado, / que me crié en tus pechos de amargura, / ¡y derrame mi vida en tus costados!*” (Mistral, 2021, p. 70).

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. No meio do caminho. In: ANDRADE, Carlos Drummond. **Nova reunião**: 23 livros de poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ANDRUETTO, María Teresa. **La lectura, otra revolución**. México D. F.: FCE, 2014.

ANDRUETTO, María Teresa. **Hacia una literatura sin adjetivos**. Córdoba: Comunicarte, 2013.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1996.

BOURDIEU, Pierre. El campo literario. Prerrequisitos críticos y principios de método. **Criterios**, La Habana, n.25-28, enero 1989-diciembre 1990, p. 20-42. Trad. Desiderio Navarro. Disponível em: <http://educacion.deacmusac.es/practicaslegitimadoras/files/2010/05/bourdieuCampo.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2023.

BOURDIEU, Pierre. **Campo de poder, campo intelectual**. Buenos Aires: Editorial Montessor, 2002.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. Vários escritos. São Paulo/Rio de Janeiro: Editora Duas Cidades, 2004.

CERDEIRA, Phelipe de Lima. Ensinar literatura ou deixar que a literatura nos ensine? A retórica da experiência e a inspiração ofertada por Ana Cristina dos Santos no contexto das literaturas hispânicas. In: BOLÍVAR, Leandro. **Diálogos linguísticos e literários com Santos**: o legado de Ana Cristina. Tomo II. Campinas: Pontes Editores, 2023. p. 81-97.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CHAMBERS, Aidan. **Dime**. Los niños, la lectura y la conversación. México D. F.: FCE, 2007.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1998.

MADDALENA, Tania Lucía; NOLASCO-SILVA, Leonardo. PANDEMIA ILUSTRADA: criações curriculares a partir da contação de histórias digitais. **Revista Espaço do Currículo**, v. 15, n. 3, p. 1-16, 2022. ISSN21772886. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1983-1579.2022v15n3.64553>.

MIGNOLO, Walter. **Historias locais, diseños globales**. Colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo. Buenos Aires: Akal Ediciones, 2003.

MISTRAL, Gabriela. **A mulher forte e outros poemas**. Trad. Davis Diniz, André Aires. São Paulo: Pinard, 2021.

MISTRAL, Gabriela. **El arte de servir**. Disponível em: <http://www.bibliotecanacionaldigital.gob.cl/bnd/623/w3-article-139303.html> Acesso: 15 jun. 2023.

MISTRAL, Gabriela. **Dame la mano**. Disponível em: <http://www.gabrielamistral.uchile.cl/poesia/ternura/rondas/Dame.html> Acesso: 15 jun. 2023.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Currículos e pesquisas com os cotidianos: o caráter emancipatório dos currículos 'pensadospraticados' pelos 'praticantespensantes' dos cotidianos das escolas. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo; CARVALHO, Janete Magalhães (Orgs.). **Currículos, pesquisas, conhecimentos e produção de subjetividades**. Petrópolis: DP et al., 2012. p. 47-70.

PALOMARES RUÍZ, Ascensión; DOMÍNGUEZ RODRÍGUEZ, Francisco Javier. Tertulias dialógicas literarias como actuación educativa de éxito para mejorar la competencia lingüística. **Revista Internacional de apoyo a la inclusión, logopedia, sociedad y multiculturalidad**, v. 5, n. 3, p. 38-53, 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5746/574667620004/html/> Acesso: 13 jun. 2023.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: QUIJANO, Aníbal. **Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder**. Buenos Aires: CLACSO, 2014.

RAMA, Ángel. Transculturación narrativa en América Latina. 2a ed. Buenos Aires: Ediciones El Andariego, 2008.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. El ojo intruso como pedagogía [2012]. **Sociología de la imagen: ensayos**. la ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tinta Limón. 2015.

ROSEMBLATT, Louise M. **La literatura como explotación**. México D. F: Fondo de Cultura Económica, 2002.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. **Uma Literatura nos Trópicos**. Recife: Cepe, 2019.

SUÁREZ, Daniel. Investigación narrativa, relatos de experiencia y revitalización del saber pedagógico. **Espacios en blanco. Revista de Educación**, n. 31, v. 2, jul./dic. 2021, Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, Tandil, p. 365-379.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.